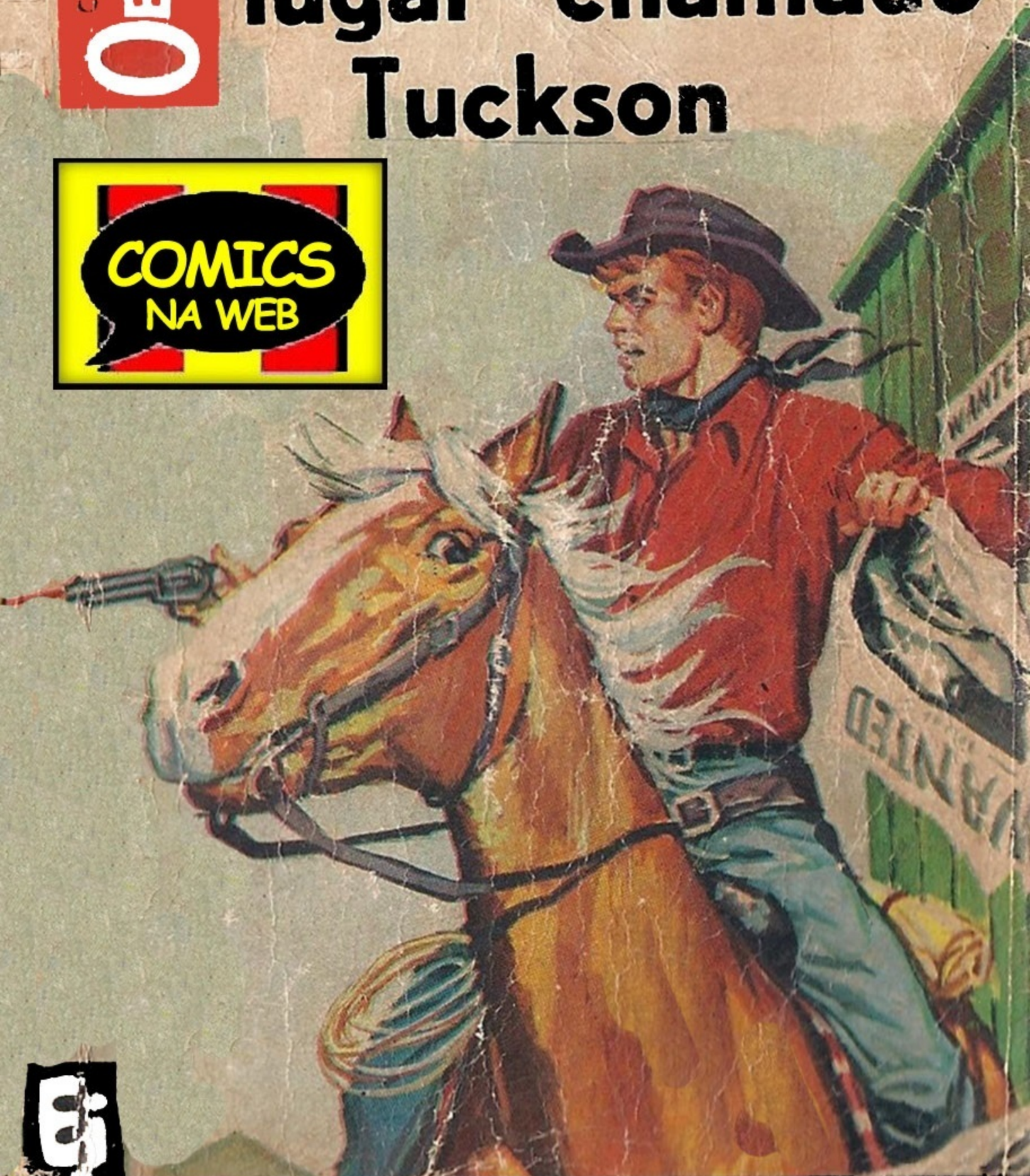
OESTE

Um lugar chamado Tuckson

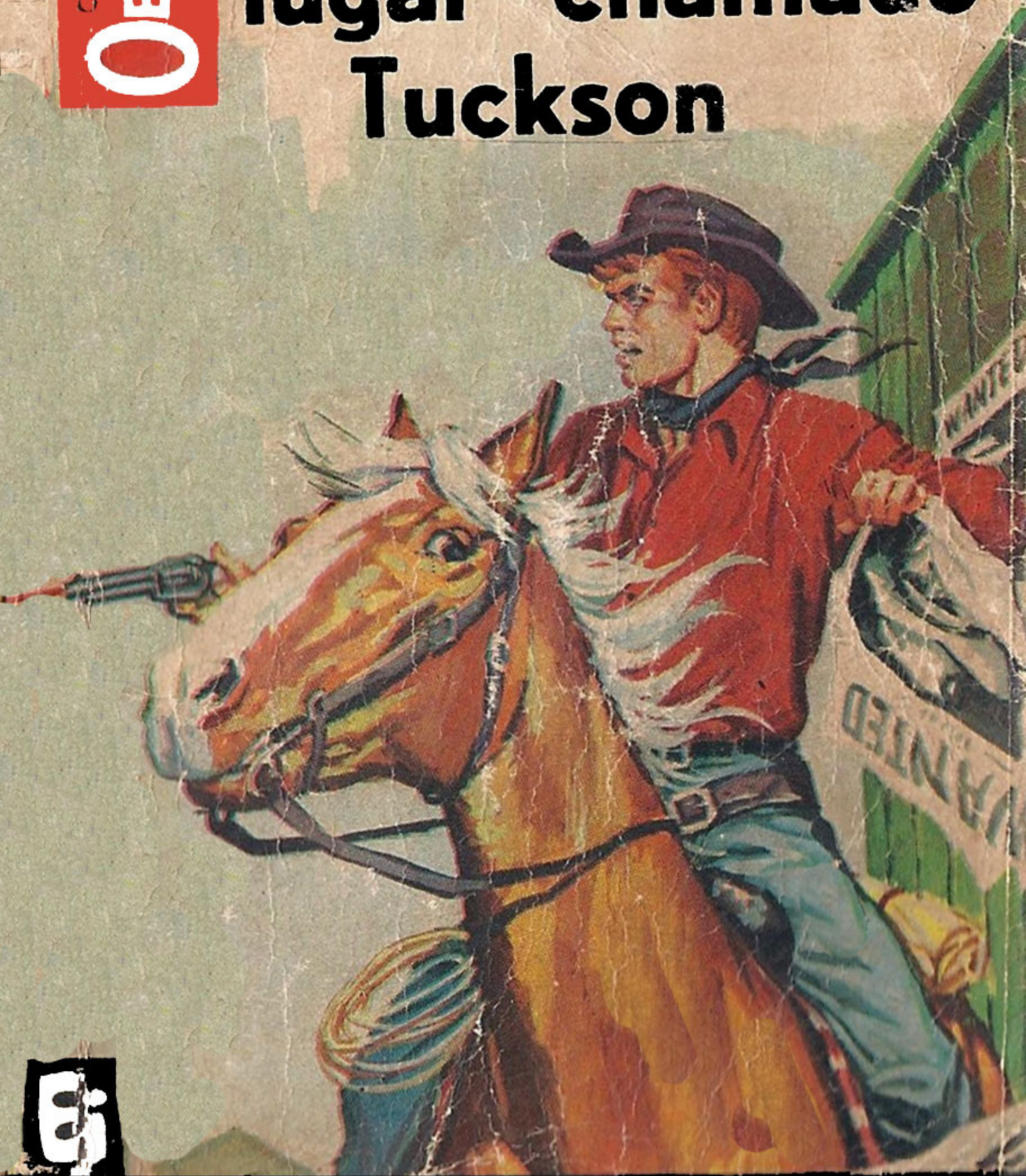
COMICS NA WEB



SILVER KANE

OESTE

Um lugar chamado Tuckson



SILVER KANE

colecção OESTE-110

UM LUGAR CHAMADO TUKSON

colecção OESTE

ÚLTIMOS VOLUMES PUBLICADOS

102 — A DAMA DO ESTE,
por Marcial Lafuente Estefania
103 — O RIO MISSOURI,
por M. L. Estefania
104 — A BELA IMPOSTORA,
por Orland Garr
105 — O TACITURNO, por M. L. Estefania
106 — PRIMEIRO O «COLT»,
por M. L. Estefania
107 — LOBOS DE GARITO,
por Meadow Castle
108 — O fNDIO, por M. L. Estefania
109 — CHEGOU UM PRESIDIÁRIO,
por Alf Regaldie
110 — UM LUGAR CHAMADO TUCKSON,
por Silver Kane

A seguir:

111 — A ABOTOADURA DE CHUMBO,
por M. L. Estefania

Reservados todos os direitos para a Língua Portuguesa em conformidade com a lei em vigor

---

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DE BERTRAND (IRMÃOS), LDA.—TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 7 — LISBOA

SILVER KANE

UM LUGAR CHAMADO TUCKSON

TRADUÇÃO DE

E. MOTRENA

EDITORIAL IBIS, LDA.

Rua Henrique de Paiva Couceiro

Venda Nova — AMADORA

outras colecções
do OESTE
publicadas pela

Editorial IBIS, Lda.

COLECÇÃO
- **CALIFÓRNIA**

COLECÇÃO
- **KANSAS**

COLECÇÃO
- **«COLT»**

COLECÇÃO
- **COLORADO**

PREÇO: 8$00

Volumes «Extra» — Preço: 12$50

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.

CAPÍTULO I

Vindos do Estado de Chihuahua, no México, os cinco cavaleiros atravessaram a fronteira dos Estados Unidos e detiveram-se apenas uns minutos em El Paso. Meia hora depois estavam à vista de Las Cruces, mas desviaram-se para a direita, sem entrar na cidade. Chegaram a uma planície deserta chamada de Dona Ana. Todos usavam barba, menos um que vestia de negro e tinha um colarinho branco. Tratava-se de um pastor de almas.

Era estranho vê-lo, na companhia de quatro homens, que tinham o aspecto de foragidos.

Detiveram-se num vale seco, entre duas mesetas pedregosas, quan-

do as sombras da noite começavam a descer sobre a Terra.

Os quatro tipos afastaram-se um pouco do pastor.

— Vão deixar-me?

— Sim, padre.

A resposta foi dada pelo tipo mais alto e deselegante. Chamava-se Luston. Era muito conhecido no norte do México e procurado por violador e assassino. Os outros chamavam-se Jeremy, Passor e Ringol e eram membros da quadrilha do primeiro. O último orgulhava-se do seu apelido, por se confundir com Ringol — Jimmie Ringo, o lendário pistoleiro.

— Trata-lo com muita consideração, Luston — disse Ringol.

— E porque não? Foi ele que nos ajudou de um mau passo. Sem a sua companhia, não teríamos conseguido atravessar a fronteira do México. Vocês não repararam na cara que os Rurais fizeram. «O senhor capitão está confundido. Estes

não são os homens que imagina, mas honrados ganadeiros de Tucson. Garanto-lhes». O nosso pastor de almas representou admiràvelmente o seu papel.

Todos riram.

— Fiz um papel indigno — disse o homem vestido de negro — porque sabia que me matariam, se eu não lhes obedecesse. Desde que me fizeram prisioneiro em Casas Grandes, depois de assaltarem o Banco, eu já sabia que tinha de obedecer-lhes. Mas estou envergonhado de mim mesmo.

— Eu julguei que os servos de Deus não se importavam de morrer — disse Luston.

— Eu cometi talvez um erro. Devia ter pensado antes, quando Deus me chamou ao seu caminho, e tornei-me feito sacerdote católico. Em vez disso, porém, sou pastor protestante e tenho uma filha. É por ela que desejo viver, embora isso me envergonhe. Agora que não faço

falta, poderei seguir o meu caminho?

Os quatro bandidos olharam-se. Depois, Luston disse:

— Seria perigoso deixá-lo só. Os Rurais também andam por aqui. E se o senhor falasse demais, acabaríamos por ser enforcados. Precisamos, pois, de eliminar obstáculos...

— Suplico-lhes... Não me matem. Cometeriam o crime mais inútil de toda a vossa vida.

Tenho uma filha inocente que está só e precisa de mim...

— Dá-nos a direcção dela e consolá-la-emos.

— Miseráveis! — exclamou o pastor protestante.

Luston não se conteve e disparou o revólver à queima-roupa. O sacerdote levou as mãos ao estômago soltando um grito rouco e dobrou-se para o lado. Depois, escorregou da sela para cair.

— Levará muito tempo para morrer? — perguntou Jeremy.

— Pelo menos meia hora, — respondeu Luston. — Mas descansa... Depois do anoitecer, ninguém se atreve a passar aqui... — Os quatro homens depressa desapareceram por entre as colinas pedregosas.

Apesar do que tinham dito, o pastor protestante resistiu mais de meia hora, sem nunca perder a consciência. De súbito, julgou ouvir o trote de um cavalo, ao mesmo tempo que aparecia a silhueta de um homem, também vestido de negro. Tanto este como o moribundo reconheceram ser companheiros. O cavaleiro apeou-se.

— Está ferido?

— Mortalmente, mas graças a Deus, não morro abandonado.

— Quem o deixou, assim?

— Isso agora não importa...

— Bem. Levá-lo-ei no meu cavalo. Las Cruces não é longe...

— Não. A minha vida está por um

fio. Nada me poderá valer. Só quero pedir-lhe um favor. Numa casa isolada, nas vertentes do Spud Rock, perto da cidade de Tucson, tenho uma filha. Prometa-me que cuidará dela. Ela é muito boa e bonita. O seu cérebro é que não é normal. Desde que viu sua mãe morrer queimada, ficou assim. Mas é boa e obediente.

Chama-se Judith, tem vinte anos.

— Prometo-lhe que cuidarei dela.

— Agradeço-lhe em nome de Deus... — Foram as suas últimas palavras.

CAPÍTULO II

O homem estreitou-a contra si, beijando-a.

— Judith!

— Johnny! Amo-te tanto...

— E eu também. Mas não estamos aqui bem, tão perto da tua casa. Não podemos falar, nem...

nada. Eu conheço um sítio melhor do que este...

— É muito longe?

— Não chega a duas milhas...

— É em Tucson?

— Não! É uma espécie de *saloon*, que fica nos arredores. Um sítio muito divertido.

— Prometes-me que não me deixarás, Johnny.

— Prometo, sim!

— Então vamos!

Ele ajudou-a a pôr-se de pé. Era um tipo de trinta anos, alto e forte, elegantemente vestido. Tinha apenas um revólver, lavrado em prata e ouro. Desamarrou apressadamente o corcel branco, que estava preso, ao pé da casa. Johnny sabia que devia estar a chegar Tobias, o lenhador, com uma provisão de lenha para as necessidades da casa e convinha-lhe apressar-se, para não o encontrar.

— Agarra-te bem, a mim... Vamos. — Meteu o cavalo, a galope,

em linha recta para «O Paraíso», um «saloon» situado fora da cidade, porque em Tucson não o teriam permitido, apesar de Tucson ser uma das localidades mais viciosas do Sudoeste. Admitiam-se ali, hóspedes de todas as classes e idades. Para ali, eram conduzidas raparigas enganadas, para que caíssem mais fàcilmente nas mãos dos tipos endinheirados da cidade. Johnny sabia tudo isso.

★

De uma das janelas do «Saloon», uma mulher morena, de cabelo ruivo, viu-os chegar.

— Temos visitas! — O estabelecimento estava deserto a essa hora. Uma pianola, coberta de pó, parecia dormitar a um canto. Havia algumas raparigas, junto das mesas esperando que chegassem clientes. O dono, um mexicano pançudo,

com uma camisa muito curta, acercou-se da morena.

— É verdade! E é Johnny Widmark.

— É algum cliente importante?

— Numa noite, deixa mais dinheiro que um batalhão de Federais... — Depois, indicou dois vaqueiros sem trabalho que bebiam «brandy», numa mesa, sem terem convidado qualquer rapariga. Johnny estava já a prender o cavalo à barra.

O mexicano deu uma cotovelada na rapariga morena. — Levanta-te daí, Lorna. Tens de ser amável com esse cliente.

— Já traz companhia. Por sinal, é bem bonita e elegante.

— Johnny traz sempre companhia, mas por vezes esquece-a, num recanto, se lhe agrada mais qualquer rapariga da casa. E tu és nova. E pareces uma senhorita...

— Fui! — respondeu num tom seco.

Nesse momento, a porta abriu-se e Johnny entrou com Judith pelo braço. Ela pareceu resistir por momentos. Mas Johnny forçou-a a andar. Lorna fez um esgar ao ver que a rapariga era bastante nova. O mexicano aproximou-se.

— Que mesa prefere?

— Quero antes um reservado — respondeu Johnny, num tom brusco. — E quanto menos palavras, melhor.

— Sim, senhor Widmark. Por aquela escada. O senhor já conhece o caminho.

Johnny voltou-se para a jovem.

— Vamos... — E começou a subir, levando-a pela mão.

De súbito, porém, ouviu-se uma voz:

— Não vá! Todos se voltaram. Um dos vaqueiros que estava a beber «brandy», pôs-se de pé. Já não era novo, mas notava-se nele uma certa virilidade. — Conheço essa pequena. É uma rapariga honrada

e, como se isso não bastasse, tem as faculdades mentais perturbadas, desde que viu sua mãe morrer num terrível sinistro. O que pretende fazer é uma canalhice, senhor Widmark. Enquanto eu estiver vivo, não consentirei...

Johnny fitou-o, pestanejando.

E num rápido golpe de vista, avaliou a situação. Mas estava certo de que sairia vencedor.

— Enquanto, estiver vivo... E se morrer?... Que aconteceria, se, para festejar a minha conquista eu o mandasse para o inferno.

— Experimente... Se se atreve.

Todos sabiam o que ia acontecer, menos Lorna e o vaqueiro.

Quando este começou recuando, sem desfitar Johnny, o dono do «saloon» fez barulho com uma cadeira, arrastando-a. O vaqueiro voltou o olhar por um segundo. Foi o bastante para que Johnny, sacando ràpidamente o revólver, lhe

cravasse uma bala na testa. O vaqueiro caiu fulminado.

Johnny sorriu.

Judith soltou um grito. No seu rosto infantil estampou-se uma expressão dura e amarga.

Pela primeira vez na sua vida, o terror penetrara como um estilete até ao fundo das suas entranhas e tentou fugir.

—Meu Deus!

Johnny gritou-lhe:

—Quieta!—Com as feições transtornadas, compreendeu que a sua presa podia fugir-lhe e que não tornaria a ter melhor oportunidade. E repetiu. —Quieta! Não saias.

Ela voltou-se ainda, antes de abrir a porta:

—Se me amas, deixa-me sair!

—Já te disse que não saias. —E sacou o revólver.

O dono do «saloon» soltou um grito, ao perceber que Johnny tinha perdido a razão.

—Senhor Widmark!

Mas este, cego de furor, disparou o revólver e a rapariga caiu, atravessada, junto da porta. Johnny guardou a arma, parecia ter serenado, por completo. Pôs um cigarro na boca e procurou os fósforos.

— Eu dou-te lume — disse Lorna, com voz estranha.

CAPíTULO III

Johnny voltou-se para ela e fitou-a nos olhos.

— Quem és?

— Chamo-me Lorna.

— Que fazes?

— Trabalho aqui...

— Sabes que és bonita?

— Já mo têm dito! — Lorna estava junto do cadáver do vaqueiro. Bastava-lhe uma leve inclinação, para apanhar o seu revólver.

— Quantos anos tens? — E percorreu-lhe o corpo com um olhar. E viu-lhe um olhar tão glacial, como

o frio da morte —. Pois não farás mais nenhuma...!

Ambos pareciam ter os pensamentos, um do outro. Lorna, porém, baixara-se levemente. O revólver do morto apareceu na sua mão. Johnny não teve tempo de sacar o seu.

— Não te mexas, miserável!

Johnny tentou sorrir.

— Pois não compreendeste que foi uma chalaça?

O mexicano acercou-se dela, com falinhas suaves:

— Que queres fazer, Lorna. O senhor Widmark é uma pessoa importante e tem bastante influência em Tucson. Se quiser...

—Nunca ouvi dizer que um morto possa ter influências...

O mexicano ainda moveu uma cadeira . Mas uma bala arrancou o revólver da mão de Johnny e cravou-se-lhe na coxa direita. Depois, disparou tranquilamente contra o dono do «saloon», que caiu num lago de sangue. Voltou-se en-

tão para Johnny que estava no alto da escada.

— Ainda tenho uma bala... que será para ti.

— Mas eu estou desarmado...

— Alguém tem um revólver para que aquele cão... o agarre com os dentes?

O companheiro do vaqueiro morto ofereceu-lhe o seu «Colt».

— Tenho o meu... com seis balas...

— Atire-lho... — O vaqueiro assim fez. Johnny tentou apanhá-lo no ar, mas sem o conseguir. O revólver rebolou pelos degraus. Ele soltou uma praga. Compreendeu, no entanto, que podia ser a sua sorte e lançou-se pela escada abaixo para apanhar o «Colt». Caiu de joelhos, conseguindo agarrá-lo. E quando meteu o dedo no gatilho, Lorna disparou metendo a última bala, na cabeça do facínora.

— Sabe o que fez, pequena? — perguntou o vaqueiro, embora tre-

messe. — Tanto Johnny como o dono do «saloon» eram pessoas importantes... Se a menina não foge, expõe-se a ser enforcada.

— Não te preocupes, Lorna — disse uma das suas companheiras. — Dir-te-ei o que vamos fazer. Tu fugirás, e nós largaremos fogo a esta baiúca.

Nenhuma de nós falará e todos os vestígios desaparecerão...

— E aquele? — perguntou uma delas, indicando o vaqueiro.

— Eu não falarei! Toda a gente me conhece... Até me chamam «Jimmy Silêncio». — E pegando no chapéu, saiu, quase a correr.

— Vamos, Lorna!

Ela pôs uma capa por cima do seu atrevido e indecoroso vestido e saiu.

Um quarto de hora depois, o «saloon» não era mais do que um braseiro, ou antes um forno crematório para quatro cadáveres.

CAPÍTULO IV

Luston, Jeremy, Ringol e Passor entraram a galope, na cidade, ao cair da noite.

Os «saloons» estavam a transbordar, a rua principal estava tão iluminada como um «boulevard» de qualquer cidade europeia. Havia autênticas elegâncias em Tucson, belas mulheres capazes de enlouquecerem homens que, como aqueles, vinham das serras agrestes do México.

— Creio que vamos passar aqui uma temporada deliciosa — disse Jeremy. — Quanto temos Luston?

— Duzentos mil dólares.

— Cinquenta mil, para cada um. É o que eu digo. Podemos levar aqui uma vida maravilhosa... Olha para aquela beleza... E vai entrar no «saloon».

— Ocupemo-nos primeiro do dinheiro. Não podemos andar com ele, numa cidade, onde há um xe-

rife... E demais a mais infestada de Federais. É preciso guardá-lo...

— Num Banco? — perguntou Passor.

— Isso nunca. Alugaremos um cofre na Estação dos Correios.

— Então, não percamos tempo. — Os quatro encaminharam-se para a estação que, dado o movimento e importância da cidade, estava aberta, dia e noite. Foi Luston quem se dirigiu ao Chefe da Estação.

— Quero alugar um cofre...

— Por quanto tempo?

— Conto demorar-me aqui dez ou quinze dias...

— O prazo mínimo é de um mês, a cinquenta cêntimos por dia...

— Está bem! — O chefe da estação passou um certificado ao portador, entregando-lhe uma chave com o número 26 gravado na guarda. Luston guardou tudo cuidadosamente juntamente juntamente com a bolsa do tabaco, depois de ter me-

tido os sacos com o dinheiro no cofre.

Os quatro meliantes sairam, dirigindo-se para o «saloon»». A rapariga que Jeremy notara, uma loira ondulante, estava ao pé do balcão, com a cabeça encostada à mão esquerda. Parecia não se sentir bem.

Jeremy acercou-se dela, sem reparar em dois tipos que estavam sentados a uma mesa, a beber cerveja. Um era um pastor protestante, com as vestes cobertas de pó, o outro vestia também de preto, mas com botões dourados na camisa. Calçava botas altas, com esporas mexicanas. Pendiam-lhe do cinto dois revólveres, de coronha lavrada em prata e marfim.

Tinha o rosto moreno, tostado pelo sol e os olhos cinzentos e frios. Ao ver os quatro homens entrarem, os seus olhos animaram-se por um momento.

Jeremy examinou a rapariga loira com um olhar concupiscente.

— Olá, linda boneca!

— Desculpe, mas não me sinto bem. Se quer esperar um pouco, pode sentar-se em qualquer mesa.

— Percebo a tua manha. Queres ver se aparece outro mais perfumado do que eu.

— Nada disso. Para mim, tanto faz que seja o senhor como outro. Eu não estou aqui para outra coisa.

— Mas eu é que não quero esperar. Estou impaciente... — Fez um sinal ao empregado que pôs na sua frente uma garrafa de «whisky» e dois copos.

— Bebe, minha boneca! — E passou-lhe o braço pelos ombros, para poder beijá-la. Ela porém resistiu com um gesto de repugnância.

— Já lhe disse. Espere um momento!

— Largue a pequena! — exclamou o tipo que estava com o pastor protestante.

Jeremy voltou-se.

— Quem é o senhor para dizer isso? É seu filho?

— Sou um carrasco sem trabalho e bastante aborrecido. E chamo-me Marlon...

Não ouviu falar de mim?

— No Norte do México ouvi falar de alguém, com esse nome...

— Pois, sou eu... Vamos! Deixe a pequena em paz. E fique sabendo que não é minha mãe...

Luston, que se sentara com Passor e Ringol, a uma mesa, embora quisesse evitar complicações, não se pôde conter.

— Advirto-o que o nosso companheiro Jeremy não está só. Somos mais três e estamos dispostos a defendê-lo.

— São, então, quatro? Eu bem vi, quando entraram. E digo-lhes que estava à vossa espera... Mas não os esperava tão cedo... — Os seus companheiros mudaram de posição. — Quem é o senhor?

— Já disse: sou um carrasco, sem trabalho e chamo-me Marlon...

— Porque não vamos conversar lá para fora?

— Sinto-me aqui muito bem — disse Marlon, sorrindo.

— Basta de palavreado! Então, rapazes!?

Jeremy não chegou a disparar. Foi o primeiro a cair.

Luston procurou fugir da linha de tiro, mas teve a mesma sorte. Passor e Ringol deram um salto e correram para a porta.

Marlon podia tê-los morto, mas não quis disparar à traição. Deixou-os fugir. Depois, acercou-se do cadáver de Luston, revistando-o e tirando-lhe tudo que ele tinha nos bolsos. Pagou a despesa e saiu.

Só um homem, que assistira a tudo, em silêncio, o seguiu.

Era o pastor protestante, que dias antes, encontrara no Novo México, outro pastor de almas que Luston assassinara.

CAPíTULO V

Marlon respirou com calma o ar puro da noite. De súbito, ouviu uma voz atrás de si.

— Por favor!

Voltou-se lentamente. Não gostava das pessoas de falinhas mansas. Mas ao ver que era um padre protestante, mudou de parecer.

— Que deseja?

— Vi há pouco tudo que se passou.

— Que fazia ali?

— Entrei para molhar a garganta, pois não encontrei outro sitio mais recomendável.

— E então?

— Achei aquilo horrível...

— É de calcular que essas coisas não lhe agradem.

— Não é só isso... Tenho corrido o Oeste e tenho visto tantas coisas, que já não me assusto. E ao ver a sua atitude, sabia já que ia ma-

tar esses homens. Foram dois assassinatos...

— Tem graça, senhor...

— Clarkson.

— É lei d e s t a terra, lutar-se assim. Não se pode estar com floreados, quando temos na nossa frente, quatro bandidos...

— Mas vi que o senhor não matou os outros dois pelas costas, quando o podia fazer. Isso quer dizer que o senhor só mata, quando é necessário e, portanto, que é um homem honrado que pode praticar uma boa acção.

— A que vem tudo isso?

— Quero fazer-lhe uma proposta: vir viver comigo. Tenho uma filha, que poderá atendê-lo, devidamente. E o senhor não tem necessidade de hospedar-se num hotel. Além disso, a minha casa, embora isolada, fica perto da cidade.

— Porque me pede isso? Que pretende de mim?

— N u n c a encontrou nenhuma pessoa desinteressada.

— Não concebo isso lá muito bem.

— Está bem. Falarei com mais clareza. Eu passo a vida, predicando nas cidades do Aeste e quando encontro um tipo que ainda pode converter-se numa pessoa honrada, dedico-me especialmente a ela. Já lhe disse que o senhor tem boas qualidades...

— O senhor poderá ter razão. Mas Tucson está cheia de belas mulheres e eu tenho algum dinheiro. E quer que vá morar com um predicante e sua filha?

— Pois não vê que, com aquelas duas mortes, se meteu num bom sarilho?

— Matar homens é a única actividade séria e honrada que há em Tucson...

— Explicará isso ao xerife?

— Que pretende com a sua langalonga, senhor Clarkson?

— Ajudá-lo. Aceita ou não?

Sem deixar de fitar o pastor, Marlon fez um cigarro, com o tabaco roubado ao morto, tendo o cuidado de tornar a guardar bem o certificado e a chave do cofre.

— Pois, sim, aceito. Mas com uma condição.

— Qual?

— A de pôr-me a mexer, quando estiver aborrecido.

— Eu não posso, nem pretendo retê-lo, à força. A minha casa não é nenhuma prisão. Nada tem a recear. E, quando quiser, pode ir-se embora, que eu não tolherei os seus passos.

— Está muito bem. Então vamos. Mas, antes disso, preciso de passar pela estação dos Correios e Telégrafos, a fim de fazer, expedir um telegrama.

Pouco depois, entravam na estação.

Marlon foi ao «guichet», onde pediu um impresso, para preencher.

O texto foi o seguinte:

Ethel Ransom
Hotel Imperatriz.

El Paso — México.

«Sacos encontrados. Estou na cidade de Tucson. Regressarei, antes de uma semana.

Marlon».

Clarkson, que levado pela curiosidade, olhara por cima do ombro o boletim que ele acabara de preencher, perguntou-lhe sorridente:

— Ethel é sua noiva?

Marlon respondeu-lhe:

— Vá para o Inferno...

Pagou o custo do telegrama e, sem uma palavra mais, sairam ambos do edificio.

CAPÍTULO VI

O homem que estava a descarregar a lenha em frente da casa do pastor, olhou com estranheza o caminho que conduzia a Tucson.

Admirava-se de não ter encontrado ali Judith, a filha do pastor protestante, pois era ela que costumava recebê-lo. Tanto mais que a rapariga era um pouco irreflectida.

Pouco depois, ouvia o ruído de cascos de cavalo. Olhou novamente o caminho, reconhecendo lago o cavaleiro.

— Tom! Tu por aqui, nem filho? Estou deveras surpreendido...

— É verdade, pai! Ùltimamente, tenho andado a vender géneros de mercearia. Mas como o negócio está um pouco parado, resolvi vir passar uns dias a casa.

— Fizeste bem, meu rapaz.

O lenhador era um tipo forte, mas o filho não lhe ficava atrás. Andava sempre vestido de preto e

usava óculos, de grossas lentes. De simples lenhador, também, fizera-se caixeiro viajante de géneros de mercearia e artigos para senhora.

— Estou muito contente por teres vindo... Mas, ao mesmo tempo estou preocupado...

— Porquê?

— Por não ter encontrado Judith, a filha do pastor protestante. Não sei se lhe aconteceu alguma coisa! Como a cadeça não lhe regula bem...

— Esperemos os dois por ela...

— Não! É melhor tu esperares. Eu já estou um pouco atrasado e tua mãe deve estar em cuidado.

— Mas, como poderei conhecê-la?

— Não pode haver engano... É uma bonita tímida rapariga, e é a única que pode aproximar-se daqui...

Sendo assim, esperarei por ela.

Até logo! — O lenhador afastou-se com o seu jumento.

Não tardou muito que Tom não

ouvisse o trote de um cavalo, que parou em frente da porta.

— Não há aqui quem ajude uma mulher a apear-se?

Tom levantou a cabeça e ficou deslumbrado. Acabava de ver umas ancas exuberantes, em busto correcto e um rosto encantador. Ela apeou-se de um salto.

— A senhora é que é Judith, a filha do pastor protestante? — Lorna sorriu. Chegara ali, para se esconder, perguntando pela residência do sacerdote e, agora, lembrava-se de que a rapariga morta no «saloon» se chamava Judith.

— Sou eu mesma. E o senhor?

— Sou filho do lenhador. Meu pai pediu-me para ficar aqui, à sua espera, pois receava que lhe tivesse acontecido alguma coisa...

— Porque... não entra? — E puxando por um cigarro, pediu-lhe um fósforo.

— Não tenho! Nunca fumei! — Tom esteve quase a desmaiar. Se

a filha de um padre protestante era assim, como seriam as outras raparigas de Tucson? Embaraçado, tirou o chapéu e fez uma reverência, antes de montar.

— Boas-noites, senhorita!

— Boas-noites! — respondeu ela, encolhendo os ombros. E entrou em casa. Revistou os armários, mas não encontrou uma só gota de licor, como desejava. No roupeiro, viu uns três ou quatro vestidos, antiquados e baratos. Tirou um, o mais decente, e substituiu o seu por esse. Nesse momento, ouviu o trote de dois cavalos.

CAPÍTULO VII

Lorna só teve tempo para mudar de vestido e, com um pano molhado, limpar a maquilhagem do rosto. Depois, apareceu à porta. Um dos cavaleiros era um padre protestante sem dúvida, o «Seu pai»

— «Meti-me num bom sarilho» — pensou. Mas ficou logo perturbada. O outro cavaleiro era um tipo alto, forte, atraente, cheio de vitalidade. Atraiu a sua atenção, o facto de ele acompanhar um pastor de almas, pois era evidente, que se tratava de um pistoleiro. O padre parecia perturbado.

— Boas-noites!

— Boas-noites! — respondeu Lorna.

Clarkson voltou-se para Marlon:

— Oiça, Marlon. Será melhor meter os animais na cavalariça. Eles precisam de descansar...

— Vou já tratar disso! — E afastou-se.

Lorna compreendeu que o pastor protestante queria ficar, a sós, com ela. E no entanto, viu-o mais confuso do que ela.

— Julgo necessário dar-te algumas explicações. Eu não sou teu pai, como já devias ter dado conta disso...

— Sim, claro...

Por isso mesmo, tenho de dar-te uma notícia triste. Deves ter resignação... Encontrei teu pai moribundo, e antes de morrer, pediu-me que cuidasse de ti, como se fosses minha filha. Prometi-lhe cumprir essa sagrada missão.

— Mas o senhor nunca esteve nesta casa?

— Não! E naturalmente, nunca te vi. Mas celebro que sejas jovem e tenhas uma expressão bondosa...

— Se o senhor o diz... — Lorna fez um esforço desesperado para não se rir. — E quem é o homem que o acompanha?

— É... é...

— Um pistoleiro — concluiu Lorna. — Eu notei logo à primeira vista.

— E não se engana! Eu vi-o matar dois homens, como quem bebe um copo de água...

— Como se chama?

— Marlon...

Foi nesse momento, que este apareceu. Era um tipo agradável, de cintura delgada, ombros de gigante, olhar de assassino. Lorna sentiu-se examinada, absolutamente «despida», dos pés à cabeça, pelo seu olhar penetrante.

— A senhorita é... que é a filha do pastor?

— Que cabeça a minha! — disse Clarkson. — Desculpe-me Marlon! Minha filha Judith... O meu amigo Marlon.

O padre diz que sou sua filha, porque assim me respeitará mais — pensou Lorna.

Marlon inclinou a cabeça.

— Muito prazer.

— Para mim é uma honra!

Clarkson parecia aturdido. No entanto, disse:

— Não sei se será o momento oportuno, dadas as circunstâncias tristes, Judith. Mas o nosso hóspede deve ter fome... Porque não

lhe preparas qualquer coisa para cear? Se tens. é claro...

Judith encolheu os ombros.

— Vou ver! — Dirigiu-se à cozinha. Com efeito, encontrou ovos, chouriço, presunto, queijo e pão. Preparou logo uma pratalhada de ovos com rodelas de chouriço e pedaços de presunto. em pingo de toucinho. Entretanto, enquanto se fazia a fritada. Lorna procurou qualquer fotografia de Judith. Quando a encontrou, guardou-a no seio. Depois foi servir a ceia. Antes de começarem a comer, Clarkson olhou para Marlon.

— Tem algum inconveniente em que abençõe a mesa.

— Absolutamente nenhum...

— Está bem! — Depois, fazendo o sinal da cruz, começou — «Graças, Senhor, pelo pão que recebemos tão generosamente da tua mão, Padre Nosso. que estais no céu, santificado seja o Vosso...

Nem Lorna, nem Marlon sabiam

continuar a oração, limitando-se a repetir desencontradamente o que o pastor dizia, Marlon não se perturbou, mas ela sentia-se como petrificada. Clarkson atribuiu isso à dor e perturbação da jovem, pela recente morte de seu pai.

CAPíTULO VIII

Lorna despertou de manhã, com a sensação de que tinha ouvido um trovão dentro de casa. Devia ser muito cedo. Cheirava a pólvora. Enfiando uma bata, levantou-se. O frio da manhã fê-la estremecer.

Marlon estava vestido e barbeado. E tinha um «Colt» na mão, apontando-o através da janela.

— Bons-dias. Que aconteceu?

— Bons-dias. Estava a treinar-me...

— E quer manter-se em forma?

— Assim é preciso.

— Mas fez-me acordar sobressal-

tada... Acha que esse comportamento é próprio dum homem? Não receou acordar... meu pai?

— Ele saiu há mais de uma hora. Foi predicar, durante a feira de Tucson.

Lorna estremeceu. Estava só com aquele homem. Não era que tivesse medo. Mas que tinha de fazer, se ele a beijasse?

— De modo que meu pai partiu, sem me dizer nada!...

— É verdade. E sinto-o...

— Porquê?

— Porque a senhorita é a cara mais bonita e que mais me tem agradado, desde que tenho uso da razão — E guardou o revólver com a maior calma.

— Devem ter-lhe agradado muitas mulheres... Se não todas.

— Engana-se. Só as que têm uma cara como a sua...

— Esquece que está a ofender-me?

— Não sabia que é uma ofensa chamar-lhe bonita!

— Mas eu sou filha de um pastor de almas...

— Que não sabe rezar. — replicou ele, sorridente.

— Que pretende insinuar?! Pois não viu que eu estava consternada por várias circunstâncias?

— Então, desculpe-me. — Depois, disse secamente. — Tenho de ir à cidade...

— Fazer o quê? Nem quer esperar pelo café... Porquê, tanta pressa?

— Porque tenho medo!... Receio que, se continuasse aqui, apertá-la-ia entre os meus braços...

— Apertar-me entre os seus braços? Que horror! — Lorna representou tão bem o seu papel, que o rosto de Marlon reflectiu um sentimento de vergonha.

— Bem! Não quero demorar-me!

— Eu irei consigo... Não gosto de ficar só, e além disso gostaria de

ouvir meu pai. Ele nunca me leva consigo.

— Levá-la-ia à garupa do meu cavalo. Vá vestir-se convenientemente, como compete à filha de um pastor protestante.

Lorna não se demorou. Ele ajudou-a a subir para a garupa, metendo depois o cavalo a trote.

— Vai estar todo o dia em Tucson? — perguntou ela.

— Talvez. E a senhorita?

— Eu regressarei com meu pai...

— Quer que lhe mostre alguma coisa da cidade?

— Um «saloon»... Ouvi dizer que há um, chamado »Paraíso»... Não faço ideia do que seja.

— Pois ali tem um. — E estendeu o braço. Mas está em ruínas. Parece que o incendiaram... o que não estranho.

Pouco depois, entravam na cidade, que se encontrava muito animada, por causa da feira. Lorna sabia que não havia perigo de que

a reconhecessem. Todos os jogadores e pistoleiros, a essa hora, ainda estavam a dormir. Mas quando iam a passar em frente do hotel da cidade, empalideceu mortalmente. Acabava de ver um homem aparecer a uma janela.

CAPíTULO IX

Foi depois disso que Marlon compreendeu que o ambiente da cidade não era nada pacífico. Quatro tipos que estavam sob um alpendre, ao ver a rapariga, avançaram até o meio da rua, barrando o caminho.

— Olá, pequena!

Acostumado, como estava a coisas semelhantes, não se perturbou.

— Que querem, amigos?

— Falar com essa boneca! Enquanto, três cercavam-nos, o quarto, fingindo-se embriagado, foi colocar-se atrás de uma pilha de barris, engatilhando o revólver.

— E convidá-la a passear.

Marlon não precisava de ouvir mais para saber o que aquele passeio significaria, fora da cidade e longe da vista do xerife. Respondeu, então:

— Esta senhorita não quer passear. É filha de um pastor protestante e só deseja ouvir seu pai predicar.

Os três tipos desataram a rir, enquanto o outro continuava atrás dos barris.

— Filha de um pastor de almas. Palavra que dá vontade de rir! Trata mas é de apear-te do cavalo!

Lorna murmurou ao seu ouvido:

— Não se apeie, Marlon! Peço-lhe.

Ele, porém, desceu com a maior calma, sem deixar de olhar os três patifes.

— E agora, afasta-te!

— Vocês é que vão marchar.

— Para onde, pode-se saber?

— Para um lugar delicioso, a que

chamam o Vale de Josafat, onde só os mortos podem entrar.

Os três tipos distanciaram-se uns dos outros. Mas Marlon deitara-se para o chão, contorcionando-se, enquanto fazia fogo. Ao vê-lo fazer isso, Lorna soltou um grito de assombro. O tipo mais alto recebeu uma bala, na cabeça, o segundo, no peito e o terceiro, no pescoço. Apesar disso, Marlon foi atingido no ombro por uma bala deste; mas ao de leve.

Quase ao mesmo tempo, ouviu-se uma detonação, logo segunda de outras quatro. Fora o rifle, implacável, que da janela do hotel vomitara fogo contra o bandido que se escondera atrás dos barris.

Marlon voltou-se e viu, então, um homem bem vestido, que devia ter trinta e cinco anos. Vestia calças cinzentas, e camisa de seda, por baixo de um casaco floreado. Apesar da distância, percebia-se que

trazia anéis nos dedos das duas mãos.

— Obrigado, amigo...

— Para mim, foi um prazer. Esse tipo ia matá-lo à traição, enquanto o senhor atacava os outros.

— Temos de beber qualquer coisa à minha saúde!

— Não se preocupe, com isso.

Pensa estar todo o dia em Tucson?

— Espero uma diligência que, provàvelmente só chegará à noite, vinda de El Paso.

— Então, encontrar-nos-emos.

— Outra vez, obrigado. — E Marlon cumprimentou-o, levantando o braço, enquanto o outro desaparecia da janela.

Foi precisamente nesse momento que o xerife apareceu.

— Quem fez esta matança?

— Fui eu, em defesa própria.

— É verdade, xerife! — testemunhou o dono do «saloon» contiguo, que da porta assistira a tudo. — Eu

vi o que se passou. Quando quiser, posso ir fazer o meu depoimento.

— Está bem, Slim... Irás à tarde assiná-lo. — Voltou-se para Marlon. — E o senhor também terá de ir.

— O.K. — replicou o dono do «saloon».

Uma banda de música percorria as ruas, para dar início à feira.

— Espera-me aqui! — disse Marlon a Lorna. — Já volto!

— Está bem!

Mas contra o que esperava, Marlon demorou-se meia hora e quando voltou já não a viu.

CAPíTULO X

Marlon entrou no «saloon», cujo dono tinha feito um depoimento a seu favor, estava a limpar o balcão, com um pano.

— Bom-dia!

— Bom-dia, senhor Slim! Viu a pequena?

— Se a vi! Tem um belo estojo. — E com as mãos descreveu dois arcos de círculo, desenhando no ar as ancas. — Vi-a ir pela rua abaixo.

— Aonde teria ido?

— Provàvelmente foi ouvir seu pai pregar às massas.

— Talvez! — E Marlon encaminhou-se para a praça, onde se realizara a feira. Os ministros de cada seita religiosa costumavam então falar ao ar livre. Clarkson lá estava, com efeito mas não viu o mais pequeno r a s t o de Judith. Onde se teria ela metido.

De súbito, pareceu-lhe ver a cortina de uma das janelas descair, como se alguém tivesse estado a espreitar para fora. Fingindo não ter notado coisa alguma, deu uma volta pela p r a ç a, com a mão apoiada no «Colt» e uma vez, nas traseiras do hotel, saltou para o telhado das cavalariças e entrou por uma das janelas do primeiro piso,

e avançou pelo corredor. Abriu uma porta.

— Que fazes aqui, Judith?

— E tu? Vens executar-me?

— Ainda não me tornei verdugo de mulheres. Porque vieste para aqui?

— Queria ouvir meu pai!

— E não podias ouvi-lo, na rua?

— Já ocasionei bastantes conflitos na rua. Não queria que ninguém se metesse comigo...

— Tu ocultas a l g u m a coisa, Judith...

— Não te oculto nada. Sou uma rapariga civilizada, que não gosta de dar escândalo na rua.

— Já estiveste enamorada alguma vez?

— Não! — respondeu ela, fitando-o. Sou uma rapariga simples e pacífica e nunca... tratei com nenhum homem.

— E desconheces o que é o amor?

— Não sei o que é isso! — respondeu num tom firme.

— Onde nasceste?
— Em El Paso.
— Então, és meio mexicana.
— Sou sim. E tu?
— Não sei.
— Quê? Não conheceste teus pais?
— Não. É possível que tivesse nascido em alguma caravana, que os índios destruíssem. Mas não tenho a certeza.
— Onde tens vivido até agora?
— Por todo o Sudoeste. Mas vivi muito tempo no México...
— Tens noiva?
— Porque perguntas isso?
— Por simp[illegible]uriosidade.
— E tu... te[illegible]lgum noivo.
— Já te disse que nunca tratei com homem algum... — mentiu ela, com a maior naturalidade, ao mesmo tempo que pensava: «Se adivinhasses que estou a mentir! Os homens têm-me perseguido sempre, desde criança. Beijaram-me e

fizeram-me tudo que quiseram de mim. E tive de matar alguns».

— Deves ter algum ideal na vida! — sussurrou Marlon. — Todos os seres humanos o têm.

— E tu?

— Eu... talvez não seja um ser humano. Já tenho pensado nisto. Quando tinha oito anos, meteram-me um revólver na mão e disseram-me que, se queria viver, teria de defender a minha pele. Todos os que estavam a meu lado morreram e só eu consegui viver. Desde então, não tenho feito mais do que matar. Penso às vezes que em mim não deve haver um sentimento de humanidade.

— A minha vida tem sido diferente da tua. Tenho-a passado, de terra em terra, a fazer bem, rezando e ouvindo meu pai predicar.

— Conseguiu manter o seu rosto inalterável.

— Mas eu sei que persegues algo na vida, Judith. Qualquer coisa que

não está nas rezas nem em ouvir predicar.

— Como o sabes?

— Adivinhei!

— Está bem. Persigo um homem... Achas estranho?

— Mas tu disseste que...

— Não julgues que eu amo esse homem. Persigo-o... porque quero matá-lo...

— Porque queres matá-lo?

— Isso é comigo... Esse homem nunca se aproximou de mim... um passo que fosse... Mas quero matá-lo, por causa de uma infâmia que praticou.

— Se é assim, talvez eu possa ajudar-te. Lembra-te de que sou um pistoleiro profissional e conheço centenas de homens em todo o Sudoeste. Como se chama o tipo.

— Não sei.

— Nesse caso, como queres encontrá-lo?

— Eu sei que encontrarei este.

Tem as costas marcadas por um azorrague...

— Mas ninguém anda sem camisa...

— Todos tomam banho. E basta uma gorgeta aos criados dos hotéis para o descobrir.

— O que esse homem fez foi assim tão horrível?

— Em combinação com uma súcia de patifes arruinou muitas famílias, no norte do México... E a minha foi uma delas...

Marlon encolheu os ombros.

— São horas de comer. Almoças comigo, não é verdade?

— Pois, sim. — Desceram a sala de jantar, escolhendo uma mesa, em frente de uma janela. Foi Lorna quem escolheu o «menú». Quando acabaram o primeiro prato, Marlon viu, nessa altura, passar na rua o homem que lhe salvara a vida. Como ela também o visse, Marlon sugeriu:

— Vou convidá-lo para almoçar...

Ela segurou-lhe um braço.

— Para outra vez! Não estás bem, sòzinho comigo?

— Estou, sim...

— Afinal isto é uma tolice. Mas desejaria crer que nunca te interessou outra mulher...

— Nenhuma... como tu! — replicou Marlon em voz baixa.

CAPíTULO XI

Nesse momento, ouviu-se na praça o estrépito de uma carruagem. Era a diligência de El Paso que acabava de chegar. Marlon não se pôde conter e desceu, apressadamente. Entre outros passageiros, apeou-se uma linda rapariga loira, que o viu sob o alpendre. Correu então para ele, exclamando:

— Marlon!

— Ethel! — Cairam nos braços um do outro, beijando-se sofregamente. Quando ela se separou, por

fim, dos braços de Marlon, viu atrás dele uma mulher morena, que os fitava.

— Quem é essa senhora?

Marlon voltou-se.

— Apresento-te a senhorita Judith, filha do pastor protestante Clarkson...

— E a senhora quem é?

— Ethel, a prometida de Marlon. Vamos casar em breve. Estávamos pendentes de um assunto que Marlon já resolveu. Dentro de uma semana... casaremos.

— Felicito-os! — disse Lorna, por entre dentes, e afastou-se.

— Conheces esta mulher desde há muito?

— Desde ontem à noite...

— Então, não pode haver nada de irremediável... apesar da tua má fama...

— Nada! — retorquiu, sorrindo — Vamos ao hotel...

— Onde habitas?

— Estou em casa do pastor protestante...

— Quer dizer, em casa dessa mulher. Tornaste-te um bom mariola. Eu é que não te largo...

Pouco depois, entravam no hotel, para que Ethel tomasse um banho e mudasse de vestido.

— Não imaginas como fiquei satisfeito, quando recebi o telegrama. E o dinheiro?

— Está bem guardado! — E explicou-lhe o que se passara.

Pouco depois, tenho alugado um quarto, Ethel mandou preparar um banho. Só apareceu hora e meia mais tarde, ao pé de Marlon.

— Onde vamos agora? Embora deixe aqui as malas, não me agrada ficar no hotel.

— Vem comigo.

— Para ficar em casa do predicante? Manda-o para o Inferno.

— Ouve, Ethel. Assim que pus os pés em Tucson, tive de matar dois homens, e isso serviu-me para apa-

nhar o dinheiro. E foi o pastor protestante que me livrou da enrascada. Esta manhã, tive de matar mais uns cavalheiros. De forma que para evitar mais sarilhos, preciso ficar fora da cidade, e a casa do padre é o melhor sitio. E por isso mesmo, não é conveniente que tu fiques aqui...

— Está bem. Irei contigo. Mas preferia ir numa carruagem do que a cavalo.

— É fácil alugar uma.

Pouco depois, saiam da cidade a caminho da casa do sacerdote. De súbito, o cavalo encabritou-se, como assustado. Marlon levou a mão à coronha do revólver, mas deteve o gesto. Acabava de reconhecer o homem que essa manhã, lhe salvara a vida.

Apeando-se de um salto, estendeu-lhe a mão.

— Estava ansioso por encontrá-lo. Chamo-me Marlon.

— E eu, Willy.

— Estou-lhe muito reconhecido. Creio que, se não fosse a sua intervenção, a esta hora estaria a dormir numa tumba.

— Não teve importância. Vi aquele tipo acaçapado e fiz o gosto ao dedo. — Depois, voltou-se para Ethel —. É sua noiva?

— É, sim. Chama-se Ethel Ransom... Pertence a uma família de El Paso.

— Ransom?! Não havia um banqueiro com esse apelido...

— Era meu pai! — replicou a jovem.

— Portanto, é a dona do Banco.

— Exactamente.

— Estava à minha espera? — perguntou Marlon.

— Não! Como poderia supor que vinha encontrá-lo aqui?

Resolvi vir dar um passeio fora da cidade. Tenho ali o meu cavalo... — E como estivessem à vista da casa de Clarkson, perguntou.

— Quem vive ali naquela casa isolada.

— Um pastor de almas e sua única filha...

— Um pastor protestante aqui, nestes sítios?

— É um belo homem. Se quer conhecê-lo, creio que terá muito gosto em convidá-lo a cear.

— Como não tenho nada a fazer, aceito.

Clarkson ficou encantado ao ver que tinham novos hóspedes. Quanto a Lorna, o seu rosto permaneceu perturbável.

— Apraz-me saber que está prometido, Marlon — disse Clarkson, ao ser-lhe apresentada Ethel —. É esse o caminho que um homem de bem deve seguir: o do casamento. Festejaremos o acontecimento com uma ceia.

Apesar da alegria que quis imprimir-lhe, a refeição decorreu num ambiente frio. Lorna, sobretudo, permaneceu silenciosa. De vez em

quando, os seus olhos fitavam Marlon, com uma expressão que ele não sabia decifrar.

Quando a ceia terminou o pastor disse que ele e Marlon dormiriam na sala de jantar, enquanto Ethel e «sua filha» ocupariam os dois quartos que havia na casa.

Willy despediu-se.

— Foi uma noite agradável, reverendo Clarkson. Sinto não poder estar mais dias em Tucson para nos vermos, mais vezes.

— Havemos de encontrar-nos no Oeste. Eu viajo muito.

— Assim o espero.

Quando Willy partiu, Ethel e Lorna fecharam-se nos seus quartos.

Lorna é que não se despiu, porque estava certa de que aconteceria qualquer coisa.

Com efeito, não se surpreendeu quando viu recortar-se fora a figura de Willy.

— A b r e — d i s s e este suavemente. — Não me faças esperar.

Lorna abriu a janela, silenciosamente.

CAPÍTULO XII

Willy saltou pela janela, procurando não fazer ruído.

— Willy! — disse ela, num sussurro.

— Esperavas-me?

— Esperava-te, sim.

— Mas, durante a ceia estiveste muito calada, como se não me conhecesses.

— Não esqueças que sou a filha dum pastor protestante...

Willy conteve uma gargalhada, mas não deixou de sorrir.

— És uma mulher única, Lorna.

— Não fales em voz alta. Podem ouvir-te.

—Quem? Esse tipo chamado Marlon?

— Sim.

— Que significa ele para ti?

— E para ti? Salvaste-lhe a vida. Tive a impressão de que te interessavas por ele, por causa de alguma coisa.

Willy sorriu novamente.

— Marlon? Nunca o tinha visto, embora já tivesse ouvido falar nele. Tem uma grande fama de patife e pistoleiro, no norte do México. Não lhe salvei a vida por isso. Mas porque, se o matassem, podias ver-te num aperto. Calculei o que ia acontecer e «despachei» o bandido que se escondera. Apesar de tudo, reconheci que não corrias perigo, ao lado dele.

— Creio que ele nasceu, a «disparar» — murmurou Lorna.

— Interessa-te?

— Bem sabes que odeio todos os homens.

— E a mim também? — Lorna não respondeu, pelo que Willy fitava-a, dizendo —. Aproxima-te.

Então, aproxima-te do teu dono.

Como ela não se moveu, puxou-a a si. — Diz-me que te agrado!

— És vaidoso, Willy!

— Julgavas que nunca mais te encontraria? Onde te escondeste?

— Num lugar onde não entram desconhecidos nem forasteiros. Num «saloon», chamado «Paraíso».

— Ouvi nomear. Estiveste lá muitos dias?

— Apenas umas horas.

— Que aconteceria se algum homem te pretendesse?

— Tê-lo-ia matado. Só ali estava para me ocultar.

— Quanto me queres?

— Enganas-te. Odeio-te!

— Mas há um ano, procuravas-me, para te ajudar: Lorna. Tu sabias que eu era um homem perigoso, sabias que me agradavas. E procuraste-me, embora soubesses que eu nunca desisto quando quero que uma mulher seja minha.

— Só tu podias dar com o homem que queria encontrar...

— Que arruinou tua família e muitas outras. O homem que foi o causador da morte de teu pai...

— Sim.

Willy apertou-a muito contra si.

— Eu procurei-o.

Bem sei. Mas antes de encontrá-lo quiseste cobrar o preço do teu trabalho, quiseste fazer de mim tua escrava.

— Tu és a mulher que mais me tem agradado.

— Têm-te agradado muitas. E são várias, as que estão a amaldiçoar-te com os seus lábios exangues, no Além.

— Queres unir-te a elas?

— É uma ameaça?

— Não sejas tonta! Sabes que me pertences e que não poderás livrar-te de mim...

— Sai imediatamente...

— Não. Penso ficar aqui, contigo...

— Estás ofendendo o homem que te deu hospitalidade.

— Não me contes a história da filha do pastor protestante...

— Contar-te-ei a história daquela rapariga que acertava, com uma bala de «Colt», numa moeda atirada ao ar.

— Sei que disparas bem, mas não receio...

— Deveras?

— Não te atreverás a disparar aqui dentro.

— Claro que não.

Willy apertou-a mais contra si, tentando dobrá-la. Mas, de súbito, sentiu uma dor intensa. Lorna, com um movimento tranquilo tirava um comprido alfinete, de cabeça preta que adornava o seu vestido. E cravou-o até ao fundo na cintura de Willy, procurando atingir-lhe o fígado. Willy quis soltar um grito, mas conteve-se. Estava num sítio, onde corria perigo.

— Maldita! Harpia! Quiseste matar-me.

— Oxalá a ferida se infecte!

— Hás-de pagar isto, maldita — disse arquejante.

— Porque não me matas agora, valente... com as mulheres?

— Porque... aqui não posso...

Mas hás-de pagar... Talvez amanhã mesmo. — E saiu pela janela, que continuara aberta. Lorna viu-o sair, com indiferença. Mas quando o perdeu de vista, os seus olhos encheram-se de lágrimas.

CAPíTULO XIII

Na manhã seguinte, Lorna, que não tinha podido conciliar o sono nem um minuto, não ouviu os estampidos do revólver de Marlon, sinal indubitável de que este não estava a treinar-se.

Lentamente, como uma sonâmbula, saiu do quarto.

A sala principal da casa estava vazia. O pastor e Marlon já deviam ter partido. Em troca, a porta do

quarto de Ethel continuava fechada.

Lorna lavou-se em silêncio e, ao sair, viu que Marlon estava já a preparar a carruagem, onde tinha vindo com Ethel a noite anterior.

Ele pareceu não dar pela sua aproximação. A rapariga disse-lhe em voz baixa:

— Bons dias, Marlon...

Marlon voltou-se. Os seus olhos cinzentos tinham nesse momento um tom claro, quase transparente.

— Olá, Judith.

— Vais sair?

— Estava preparando tudo para isso.

— Ethel vai contigo?

— Vai.

Lorna mordeu os lábios.

— Não sabia que estivesses prometido. Nunca me disseste isso...

— Eu não sou prometido nem estou comprometido. Ethel e eu conhecemo-nos há bastante tempo e simpatizamos um com o outro

Além disso, pode dizer-se que é a única mulher com quem tenho tratado, nos últimos anos. Não tenho tido oportunidade de escolher. — E voltou-lhe as costas, sem fazer mais caso dela, limitando-se a ajustar bem a cilha do cavalo.

— Escuta, Marlon — sussurrou Lorna...

— Que é? — perguntou ele, sem se voltar.

— Estou hoje a estranhar-te.

— Porque não me treinei com o revólver?

— Não! Não é isso! Vais partir imediatamente, quando eu julguei que ias passar uma semana aqui. Que se passa?

— Nada. Agradeço o teu interesse — disse amàvelmente, continuando sem se voltar.

Lorna não o compreendia, apesar de tudo. E, ao ver que elé acabava de subir para a carruagem, teve a sensação de que o perderia para sempre, que ia escapar-se-lhe

o único homem que lhe havia interessado. E com voz abafada, repetiu:

— Marlon... — De súbito, uma ideia terrível lhe passou pela mente. Compreendeu que ele podia ter visto Willy sair do seu quarto, na noite anterior.

— Marlon! Que estás pensando?

— Eu não penso nada!...

— Tu viste Willy sair.

Ele voltou-se, então. Os seus olhos cinzentos fitaram-na com dolorosa fixidez.

— E... se o tivesse visto? Tu não tens nenhuma necessidade de dar-me explicações...

— Não é o que tu imaginas, Marlon...

— Eu não imagino nem pergunto nada.

— Pensas que sou uma... uma!...

— Tu és a filha de um pastor de almas.

— Mas não pareço, não é verdade?

— Não digo tanto.

Ela deu dois passos para ele.

— Marlon! Não vás!...

— Porque não? Dou-me conta de que te estou torturando, com a minha presença. Vale mais voltar ao México.

— Com Ethel?

— Ela vive lá e tenho de acompanhá-la.

As mãos de Lorna procuraram, a tremer, os braços de Marlon, que não se moveu.

— Marlon! Eu nunca supliquei a um homem. Ao menos, fica aqui mais um dia. Deixa-me explicar-te... — As suas mãos subiram instintivamente, alcançando os ombros de Marlon. — Fica... — Os lábios estremeceram, entreabrindo-se. Ele moveu-se, até que ficaram fundidos num estreito abraço. E apoderou-se dele, qualquer coisa que nunca havia sentido. De súbito, ouviram uma voz.

— Muito bonito! — Os dois sol-

taram-se lentamente, como transtornados ainda e olharam para a porta. Ethel, pronta para partir aparecera no umbral. Nos seus lábios havia um sorriso amargo e irónico ao mesmo tempo. — Muito bonito, não há dúvida. Um velhaco e a ingénua filha de um pastor de almas... Qual dos dois sabe beijar melhor?

Marlon disse:

— Cala-te, Ethel, enquanto ela estiver aqui. Não tens direito a ofendê-la:

— Receio que não se pode ofender esta mulher de modo algum. Receio que já lhe disseram cem vezes as palavras mais grossas.

Marlon apertou os dentes.

— É melhor irmo-nos embora, Ethel.

— Quê?... Pois não?

— Pois claro boneca... — murmurou Ethel, olhando-a de alto a baixo. — Se o deixo cinco minutos mais contigo, és capaz de comê-lo...

— Cale-se! Nunca soube o que é amar, com certeza...

— E a linda boneca, sabe-o, não verdade? Quantos homens já mou? Quantos pais de família enviou para a ruína?

— Se continua falando dessa maneira, esquecerei que é uma senhorita — disse Lorna, sombriamente.

— Claro! Uma senhorita! ... O contrário é que é!...

Lorna rangeu os dentes, mas a voz de Marlon deteve-a.

— Esta situação é grotesca! Vamos, Ethel. Temos de ir a Tucson.

Ethel sorriu com desenvoltura e subiu para a carruagem. Marlon subiu também, mas de tal forma que, ao dobrar-se para a frente, rasgou a camisa nas costas.

Pouco depois, a carruagem desaparecia na direcção de Tucson.

Lorna ficou de boca aberta, arquejante, sentindo que lhe faltava a respiração. Porque, quando a camisa se lhe abriu, de alto a baixo,

ela viu que as costas estavam sulcadas de cicatrizes horizontais e verticais. Os dentes rangeram-lhe e sentiu que os joelhos se lhe dobravam.

CAPíTULO XIV

A carruagem velozmente em direcção de Tucson, pois o animal estava folgado e desejava voltar à cavalariça. Ethel que durante algum tempo fora calada, disse:

— Essa porca...

— Cala-te, Ethel. Não devemos falar nisso agora.

— De que devemos então falar?

— Do dinheiro...

— Felizmente, que entras na razão. Vamos buscá-lo... ao Correio?

— Sim.

— E voltaremos em seguida a E' Paso?

— Imediatamente.

Ethel sorriu. O seu rosto mudou de expressão.

— Fizeste um magnífico trabalho, Marlon. Um trabalho que só um homem, como tu, podia realizar. Sabes que, se chegarmos sem novidade a El Paso, te corresponde vinte por cento...

— A mim, não me corresponde coisa alguma.

— Que dizes?

— Digo que não quero n a d a, Ethel...

— Mas tu estás doido?! É uma pequena fortuna para ti! Além disso, podes transformar-te em milionário, se continuarmos trabalhando juntos.

— Esse dinheiro — replicou Marlon, em voz baixa — vai ser devolvido.

— Devolvido a quem?

— Aos seus donos legítimos.

Ethel franziu a testa.

— Marlon. Tu bebeste? A legítima dona desse dinheiro sou eu. Roubaram-no do meu Banco uns salteadores, e eu ofereci-te uma recom-

pensa se desses com ele. Esse dinheiro é meu.

— O roubo do teu Banco foi um golpe justiceiro do Destino. Todo esse dinheiro conseguiram-no tu e teu pai por fraudes e outros meios ilícitos.

— E és tu que dizes isso? Tu, que nos ajudaste a consegui-lo.

— Eu paguei cem vezes o que fiz nessa etapa da minha vida.

— Claro!... Houve um cacique mexicano que te coseu as costas, à chicotada, deixando-te marcado para toda a vida. E isso que tem doído sempre, não é verdade, Marlon?

Ele passou a mão pela testa, com um gesto de amargura. E disse em voz baixa e cansada:

— Não! Isso foi o menos, Tthel. Há muitos homens que ficaram marcados, com chicotadas nas costas, e quase todos são honrados. Eu podia ter matado esse mexicano e não o fiz porque compreendi que

ele tinha razão. O que não me tem deixado viver com tranquilidade e paz de espírito é o grande número de pobres pessoas, que enganei em teu nome. Isso, sim, é que tem sido terrível para mim, Ethel, embora tu não o compreendas.

—Claro que não compreendo — disse ela, com um ar de desprezo —. Tu foste sempre um meliante e por isso te contratei.

—Um homem que nasce no Oeste, só com a companhia de um revólver, tem grandes possibilidades de ser um meliante. Quando teu pai me contratou para vender acções falsas, a essa pobre gente, isso pareceu-me um meio, como qualquer outro de ganhar a vida. No fim de contas, eu não matara ninguém. Eu era como aquele que faz batota, ao jogo. Mas, depois compreendi, talvez tarde demais, de que tinha enganado muita gente, que perdia assim as economias de toda a sua vida, e que ficava na maior misé-

ria... Não. Aquilo era muito pior do que fazer batota, ao jogo, porque quem joga é porque quer, e, em troca, eu ia buscar aqueles homens a suas casas para enganá-los com o meu palavreado. Por isso, quero devolver tudo o que roubámos.

— És um estúpido, Marlon... Se tinhas o dinheiro em teu poder... porque me telegrafaste?

— Eu não queria enganar-te, Ethel. Pensava dar-te uma ideia dos meus propósitos, para que tu tivesses também uma oportunidade de corrigir-te. Ainda não está tudo perdido. Ainda podes ser uma mulher honrada.

— Julgas, porventura, que sou tão estúpida como tu, Marlon?

— Embora devolvamos esse dinheiro — replicou imperturbável — tens mais do que o suficiente para viver. És uma mulher rica e poderás casar com um homem ainda mais rico. Não deixes que os re-

morsos destruam o resto da tua vida.

— Os remorsos? — disse ela, num tom irónico. — Que é isso? Nos negócios pode haver, porventura, remorsos? Que culpa tenho eu de que esses homens fossem estúpidos?

— Eles não são estúpidos. O que aconteceu simplesmente é que nós fomos mais espertos do que eles! Todos confiaram no prestígio do vosso Banco.

— De resto eu não quero casar com nenhum homem rico retorquiu Ethel. — Quero casar contigo. Trabalhando juntos, poderemos ser o casal mais rico do Sudoeste.

— Eu já não quero «trabalhar» mais dessa maneira. Ethel. E muito obrigado pela tua proposta.

— Não podes dizer que não!

— E tu não podes «comprar-me», Ethel... embora tenhas «comprado» já muitos homens...

— Mas posso fazer que... pagues

tudo isso, Marlon. Sabes que posso fazê-lo.

— De acordo... Comprarás tantos pistoleiros quantos te agradar. Não esqueças, porém, que eu também sei defender-me.

Calaram-se. Nesse momento entravam em Tucson.

Procurando evitar as ruas principais, para não se encontrar com o xerife, Marlon levou a carruagem até à estação dos Correios.

Ali, abriu o apartado alugado e tirou dele os dois sacos cheios de notas de Banco e de moedas. Pareciam pesar toneladas.

— Vou regressar ao México, Ethel.

Os olhos dela brilharam.

— E eu vou dar-te uma última oportunidade, Marlon. Contratemos um homem de confiança para nos proteger e vamos os três para o México. Ou, melhor ainda, depositemos este dinheiro num dos Bancos de Tucson, para fazerem a

transferência dele para o meu, de El Paso. Dessa maneira, viajaremos tranquilos e poderemos salvar uma verdadeira fortuna. Mas fica sabendo que é a última oportunidade que te dou, Marlon. Sou capaz de fazer qualquer coisa por causa de uma quantia assim. O dinheiro é tudo, na vida.

— Eu sei o que significa «qualquer coisa» para ti, Ethel, mas não quero que sejas desse modo. E por isso vou dar-te ainda uma hora, até partir a diligência. Estarei no «Hotel Arizona». Se queres vir comigo para devolver este dinheiro, podes fazê-lo.

Ela fez um gesto de fastio.

— Tu é que tens de dar conta, Ethel. Talvez não voltes a ter outra oportunidade para seres uma mulher honrada.

— A honradez é um mito, Marlon. E a minha resposta é esta: pagarei o teu caixão.

Ele sorriu, dizendo:

— Só uma hora... Não esqueças.

— E carregado com os dois sacos de couro, encaminhou-se lentamente para o hotel.

CAPÍTULO XV

Lorna escreveu nervosamente uma nota para o pastor Clarkson, a explicar-lhe o sucedido e a dizer-lhe que ela não era quem ele julgava. Depois começou a procurar qualquer coisa, por toda a casa. O tempo corria velozmente. Não havia um minuto a perder. A noite anterior, ela tinha visto um pequeno revolver dentro de uma gaveta, que lhe parecera novo. Como estava só, a filha do pastor precisava de defender a sua vida.

Clarkson devia estar em Tucson. Lorna tomou o único cavalo que havia e partiu a galope para a cidade. Sabia que chegaria demasiado

tarde. Não queria que Marlon atravessasse a fronteira do México. Com o revólver escondido no decote, fez todo o caminho a galope. Pensando ùnicamente em Marlon, não se lembrou de que encontraria alguém em Tucson: Willy. Só compreendeu o seu erro, quando estava perto do «Hotel Arizona». Ia a passar quase em frente do edifício, quando julgou ver um brilho momentâneo em uma das esquinas. Foi como um relâmpago. E também como um relâmpago, foi o pensamento de Lorna.

Acabava de compreender que aquilo era o brilho da luz no cano dum rifle. Deixou-se cair do cavalo. A bala passou silvando, a pouca distância da cabeça. O cavalo encabritou-se. Uma segunda bala ricocheteou no solo, a seu lado. Foi o movimento do animal que a salvou, ao desorientar o atirador emboscado. Mas Lorna estava perdida. Caída no solo, não tinha onde pôr-

-se a coberto. Viu aparecer, na esquina, de um dos edifícios o homem que disparara, com o rifle em punho. Era Willy. Ele era terrível quando apontava.

Nem Lorna podia pôr-se a coberto do ataque, nem ninguém teria tempo de intervir. A única coisa que os três ou quatro espectadores da cena poderiam fazer, era recolher o cadáver dela, depois de Willy ter fugido.

Todavia, havia alguém que não estava disposto a que as coisas se passassem assim. Era alguém que tinha visto tudo de uma janela do primeiro piso do hotel.

Soou um tiro na rua, quando Willy ia disparar, fazendo com que o rifle deste lhe caísse das mãos. Willy olhou assombrado para cima e sacando o seu revólver, disparou-o, ao mesmo tempo que um homem saltava da janela para o passeio de tabuado. A bala passou-lhe de raspão pelo pescoço. Apesar

disso, não disparou. Pôs-se de pé, dizendo:

— Cuidado, Willy. Eu não devia deixar vivo um miserável assassino de mulheres, mas tenho o dever de dar-te uma oportunidade.

Lorna, sem sair da mesma posição, olhava atónita os dois homens.

— Guarda o revólver — disse Marlon — se não queres que te atravesse a cabeça.

— Queres ter um desafio comigo? — perguntou Willy, com um sorriso sarcástico.

— É a oportunidade que te dou, Willy: um desafio.

— Estás louco? Com o salto que deste, a tua mão não pode estar firme.

— Será melhor para ti.

Marlon guardou também o revólver. Fizera-se na rua um profundo silêncio. Inclusivamente, Lorna continha a respiração.

— Vamos, Willy. Quero que sejas tu a dar o sinal.

— Queres dar-me essa vantagem?

— Não quero que tenhas queixa de mim!

Willy fez um gesto de passividade e quase se voltou um pouco, como que a indicar que não queria lutar e que considerava aquilo uma estupidez. Mas, na realidade, esse gesto e esse movimento foram como que uma armadilha. De súbito, todos os seus músculos se tornaram tensos e sacou o revólver, sem dar nenhum sinal: Marlon fez um só movimento, sem que o seu revólver chegasse a sair do coldre e duas balas saíram dele.

Willy soltou um grito, deixando cair a arma da mão, mas ainda para o chão. Depois, cuspiu sangue e caiu de joelhos.

O silêncio tornou-se mais intenso.

Marlon guardou novamente o revólver, sem dar conta de que algo se movera, ao pé de si. O facto de estar atento a Willy não lhe permitira advertir-se de que Lorna se

acercara. Quando meteu o revólver no coldre, já ela estava quase a seu lado, apontando-lhe a sua arma.

— Regressa ao hotel, Marlon. Mas cuidado... Não faças um só movimento suspeito.

Ele fitou-a.

— Tens uma forma singular de agradeceres os favores...

— Eu não te pedi que me salvasses a vida. Nem esse é um pormenor importante para que te perdoe, depois de ter-te procurado durante tanto tempo. Vamos... Regressa ao hotel.

Ele voltou-se para a porta, caminhando lentamente. Lorna colocou-se a seu lado, cravando o cano do seu pequeno revólver nos rins, sem que ninguém desse por tal.

— Eu sabia que virias!

— Sim? És adivinho!...

— Eu dei conta de que, ao subir para a carruagem, rasgou-se-me a camisa. E é pena, que nós tenhamos de acabar assim.

— Isto ainda não acabou.

— Queres que te dê o meu revólver?

— Para quê? Basta o meu. Se fazes o mais pequeno movimento, perfuro-te os rins.

Nesse momento, subiam a escada do hotel. O dono, que estava no vestíbulo, não notou coisa alguma.

— Vamos ao teu quarto! — ordenou ela, friamente.

— Espero que, ao menos, tenhas o bom-gosto de matar-me de frente. Será consolador morrer, vendo um sorriso, nos teus lábios.

— Descansa que terás essa consolação.

Marlon empurrou a porta do quarto. Mas saltou logo, de lado, gritando:

— Cuidado! Afasta-te!

Os dois homens que estavam na habitação, junto da porta, fizeram fogo primeiro. Mas Marlon já se tinha atirado para o chão, dando um empurrão violento a Lorna, que

caiu a distância. Depois, disparou três vezes seguidas. Passor e Ringol, os dois salteadores da quadrilha de Luston, cuja vida Marlon poupara, caíram para o lado, fulminados. Mas uma bala disparada por Ringol, ainda foi a tempo de arrancar o «Colt» da mão de Marlon que ficou ferido nos dedos. Uma mulher que estivera escondida atrás dos pistoleiros, apareceu na frente de Marlon, de revólver em punho. Era Ethel.

— Podias ter contratado dois tipos mais rápidos e mais certeiros — observou Marlon, em voz baixa. — Esses dois pobres diabos não eram mais do que dois salteadores de Bancos. Prometeste-lhes parte do dinheiro que te roubaram?

— Pareces um adivinho.

— E entraram pela porta traseira aproveitando o meu desafio com Willy?

— Continuas a parecer-me um adivinho!

— Já que é essa a tua resposta, puxa o gatilho de uma vez. Importas-me tanto como a outra.

Ethel não compreendeu o que significava aquilo da «outra».

Com um fino sorriso, disse apenas:

— Sim! — E tentou premir o gatinho. Mas não teve tempo de fazer isso. Uma bala, disparada da porta, atravessou-lhe a mão. Ethel largou a arma, soltand um grito de dor. Lorna apareceu então, de revólver em punho.

— Para a outra vez, esteja mais atenta, minha amiga. E agora, desapareça daqui! A ferida não é grave e pode, portanto, regressar a El Paso, na carruagem que parte dentro de poucos minutos. Vamos! Não perca tempo. Mete-me nojo!

Com um gesto de ódio, Ethel saiu do quarto. No momento em que ela ia a passar, Marlon dirigiu-se-lhe:

— Dou-te dois conselhos. Trata de limpar o ferimento, antes de

tomares a diligência e casa com um homem rico que se chame como eu. Faz isso, para não te esqueceres de mim.

Ethel não quis ouvi-lo mais. A sua ambição desmedida, a dor física e a amargura do fracasso corroíam-lhe a alma. Desceu a escada, quase a correr, jurando que jamais voltaria a Tucson.

Os seus passos ficaram marcados por um rasto de sangue e de perfume. Foi então que Marlon levantou os braços no ar. Lorna estava na sua frente, apontando-lhe o revólver ainda quente.

— O que estávamos a dizer... Vais matar-me, com um sorriso nos lábios. Então? Por que esperas? — Lorna fitava-o, com os olhos semi-cerrados. — Dispara! Sou um meliante e arruinei a tua família!... Não tenhas remorsos. Um sorriso e uma bala!... Mata-me de uma vez.

De súbito, porém, Lorna atirou com raiva o revólver para o chão.

E, a soluçar, caiu nos braços de Marlon:

— Não posso! Não posso!

Ele apertou-a com angústia. E beijou-a na testa, nas fontes, no pescoço, na boca.

— Viverei só para remediar o mal que te fiz. Viverei só para isso, mas... Só contigo! Se tu me acompanhares, partiremos ainda hoje para o México.

— Acompanho-te, sim, canalha e... ladrão! — E respondeu àquelas carícias, com outras mais prolongadas.

— Sabes que fazes isso muito bem... para seres filha de um pastor de almas — sussurrou Marlon, cada vez mais assombrado.

— É que eu não sou filha de um pastor de almas, nem me chamo Judith. Depois te explicarei... O caminho vai ser curto até o México. — E levando os dois sacos de couro, saíram pouco depois do hotel, estreitamente unidos. Ao longe, uma

banda de música tocava marchas alegres, para celebrar o final da feira. Tudo era animação, alegria e... morte, num lugar chamado Tucson. Só eles pareciam não dar por coisa alguma.

F I M

UMA REVISTA

HUMORÍSTICA

DIFERENTE!

CAN-
-CAN

— UMA REVISTA QUE AGORA SE APRESENTA REMODELADA... E MELHOR!!!

LEIA OS LIVROS DA COLECÇÃO **KANSAS**

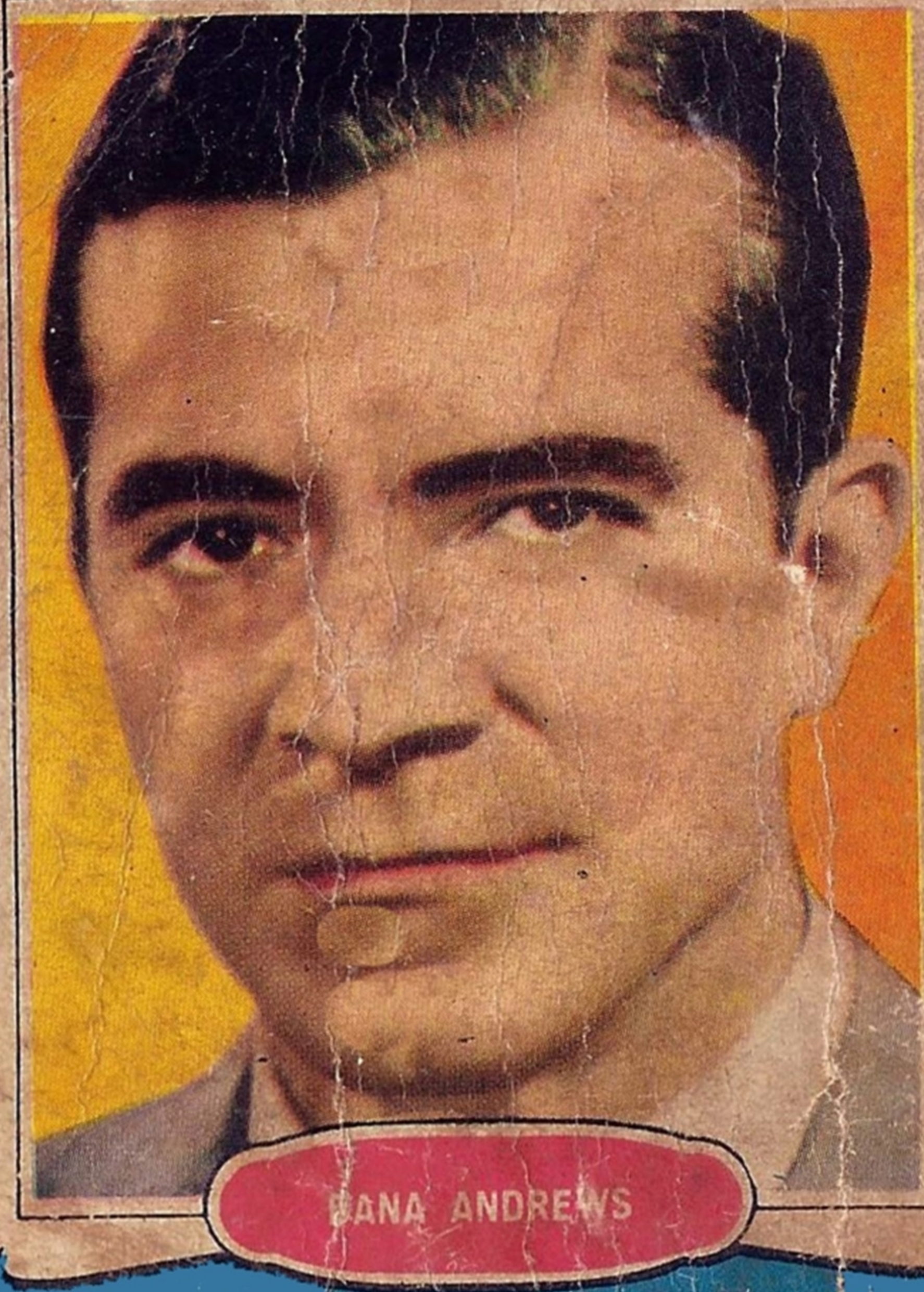
Últimos volumes publicados:

20 —	ORDEM DE DESERÇÃO	R. C. Lindswall
21 —	CAÇADOR DE BANDIDOS	M. L. Estefania
22 —	«PELES VERMELHAS» DE NEBRASKA	Joe Sheridan
23 —	MARCADOS! ...	M. L. Estefania
24 —	UM «GUN-MAN» BOM	Keit Luger
25 —	UM HOMEM DO OESTE	M. L. Estefania
26 —	O QUINTO HOMEM	Raf Segram
27 —	O DESTINO MARCA UMA ROTA	Fidel Prado
28 —	OS DOIS JIMMY BENTON ...	
29 —	A DAMA DO «COLT - FRONTIER»	M. L. Estefania A. Rolcest
30 —	A MORTE ESTÁ ESCRITA	M. L. Estefania

Preço: 8$00

À venda nas tabacarias

CHUVA DE ESTRELAS



ANA ANDREWS

EDITORIAL IBIS, LTDA.

DISTRIBUIDOR: LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L. - RUA GARRET, 73 - LISBOA

PREÇO PARA PORTUGAL ... 2$50